

RESUMO

Tal investigação e atual pesquisa se manifesta a partir de três autores: Friedrich Nietzsche (1844-1900), Eugen Fink (1905-1975) e Gaston Bachelard (1884-1962). Partimos de suas considerações para então elaborarmos uma tentativa de reunir e demonstrar aspectos possivelmente convergentes entre as referidas filosofias. Sobretudo, no que tange à discussão a despeito do que constitui uma escrita que dê conta de abranger a especificidade de determinados problemas filosóficos, os quais estão por detrás daquela escrita, mas que, ao mesmo tempo, é também a própria fundamentação constitutiva da expressão textual, ou então, de como se torna necessária a adequação entre a experiência filosófica, na sua condição ontológica e íntima, e a sua possibilidade de expressão, construção e formulação dentro de uma linguagem literária e de um estilo literário apropriado para tangenciar os problemas e reflexões dentro deste pensamento. Para colocar essas questões, mesmo dada sua complexidade quase infundável, que nos afasta de encontrarmos respostas definitivas para elas, nos distanciamos do vislumbre de encontrar respostas absolutas para, ao invés disso, nos concentrarmos na observação das funções fundamentais que tanto as metáforas e os símbolos quanto as imagens poéticas apresentam respectivamente em cada um dos autores. Neles apresentam-se concepções novas sobre o movimento de leitura e escrita filosófica, provocando uma ampliação da perspectiva sobre a questão e, assim, criam-se aberturas para o enriquecimento deste debate.

Palavras-chave: Imagem-Literária. Linguagem-Filosófica. Ontologia. Pensamento.

Nietzsche, Fink et Bachelard: métaphore, symbole et image poétique

RESUMÉ

Cette recherche se manifeste a partir de trois auteurs: Friedrich Nietzsche (1844-1900), Eugen Fink (1905-1975) et Gaston Bachelard (1884-1962). Partant de ses considérations faites dans ses perspectives philosophiques, pour ensuite élaborer une tentative de rassembler et de montrer des aspects potentiellement convergents entre ces philosophies. Surtout en ce qui concerne la discussion en dépit de ce qu'est une écriture qui se rend compte de couvrir la spécificité de la pensée sur certains problèmes philosophiques, qui sont derrière cette écriture, mais qu'en même temps c'est aussi la base même constitutive de cette expression textuelle, ou alors, de la nécessité de l'attitude de une adéquation entre l'expérience philosophique dans sa condition ontologique et intime avec sa possibilité d'expression. La construction et la formulation dans un langage littéraire et dans un style littéraire approprié pour tangentier les problèmes et les réflexions dans cette pensée. Pour poser ces questions, même compte tenu de leur complexité presque infinie, qui nous éloigne de trouver des réponses définitives pour elles, nous nous éloignons de l'aperçu de trouver des réponses absolues à la place, Nous nous concentrons sur une observation des fonctions fondamentales que les métaphores, les symboles et les images poétiques présentent respectivement dans chacun des auteurs. Des conceptions nouvelles sur le mouvement de lecture et d'écriture philosophique, provoquant un élargissement de la perspective sur la question, et créent ainsi de nouvelles ouvertures pour l'enrichissement de ce débat.

Mots Clefs: Image-Littéraire. Langage-Philosophique. Ontologie. Pensée.

Introdução

Dentro do presente trabalho, o panorama geral consiste em investigar a confluência entre o âmbito da literatura, enquanto um estilo de escrita, e como o problema do estilo aparece dentro da filosofia a partir de uma escolha intencional dos autores para utilizarem ou criarem uma linguagem adequada para a colocação do seu pensamento dentro de uma escrita filosófica. A partir disso gostaríamos de situar a discussão entre os autores mencionados, colocando como eixo central do trabalho a relevância que estes três deram para o problema da linguagem dentro da filosofia, uma vez que a própria possibilidade de uma filosofia se torna dependente do uso da linguagem não só para a exposição de seus problemas, mas para a sua própria constituição.

Sabemos que não é fácil dar conta de adentrar nas ideias particulares de três pensadores diferentes dentro de um único trabalho, e para não correr o risco de recair em breves generalizações das particularidades encontradas nas reflexões de cada um dos autores, pretendemos trabalhar sobre um panorama amplo que possa dar conta ao menos de expor as similaridades que existem, ao nosso ver, entre os três diferentes sistemas filosóficos respectivamente construídos por cada um deles.

De início poderíamos dizer que o ponto chave que reúne a filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900), de Eugen Fink (1905-1975) e de Gaston Bachelard (1884-1962) é exatamente a preocupação de assentar a filosofia sobre a base de uma linguagem que dê conta de legitimar os problemas filosóficos mais fundamentais.

Em Nietzsche, temos uma linguagem sublimada pelo prisma artístico e literário que não mais se sustenta por meras abstrações e generalizações conceituais, mas uma linguagem que apresenta novas formas de enxergar o que é constituinte do pensamento filosófico. Seu estilo aforístico, dentro do qual ele consegue transportar para a linguagem verbal a intensidade de seu pensamento, apresenta a valorização dos instantes, numa escrita súbita e fulminante que, sem perder a vivacidade e a potência do instante em que aquele pensamento foi concebido, ainda pode apresentar uma densidade filosófica tal qual, ou até maior, do que os textos escritos de maneira tradicional.¹

¹ Para mais informações sobre essa característica pode-se consultar o movimento de arte do Romantismo Alemão chamado *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto).

Em Fink encontramos o problema do esquecimento do mundo como o mais grave de todos os erros da filosofia, pois antes da linguagem, antes da filosofia, antes da existência, pontos-chave tão caros para filosofia, só se sustentam pela sua condição de possibilidade que é a existência do próprio mundo. É o mundo que oferece a possibilidade da existência dos entes.

O ente na sua totalidade, o mundo, nunca é algo desconhecido, mas tampouco é, na maioria das vezes e justamente por isso, apreendido conceitualmente. E ainda assim lidamos com a distinção comum entre ser autêntico e inautêntico, entre realidade e mera ilusão, entre essência e aparência; ou seja, fazemos uso de uma distinção interna no próprio ser, atribuímos a cada ser diferente uma ordem ontológica diferente (FINK, 2020, p. 202).

Não caberia, então, mais uma descrição meramente lógica, formal e conceitualizada sobre o que é o mundo. Pelo contrário, Fink faz uma espécie de descrição do mundo pelo seu caráter simbólico, encontrando o fenômeno do jogo como a figura que mais se aproxima da sua concepção sobre ele, visto que o próprio mundo se coloca como um processo dinâmico de apresentação e fechamento, de claridade e obscuridade, de desvelamento e encobrimento, de manifestação e desaparecimento, de aparecimento e encolhimento até o desaparecer. Aparece aí como ponto chave a questão da realidade e do irreal, dois polos constituintes da complexidade dinâmica que é o mundo.

Tendo em vista essa nova experiência ontológica, colocada por Fink, na qual o problema fundamental da filosofia não é mais o ser, ou o ente, mas sim o mundo, as possibilidades de apresentação dessa nova perspectiva filosófica se assentam sobre uma linguagem não formal, mas simbólica, visto que o símbolo tem o papel de expressar e demonstrar algo, e não de elaborar uma descrição formal, conceitual e rígida como a concepção tradicional de filosofia vinha fazendo até então sobre o estudo do ser em sentido ontológico.

Por isso, Fink pretende realizar a construção de uma nova linguagem para o conhecimento das coisas, não meramente em sentido ôntico e puramente objetivo, mas através de uma linguagem que dê conta de explicitar essa nova experiência ontológica. Assim, a compreensão de mundo é posta de forma aproximativa, e não direta, não entregando de forma fechada e totalitária o que o mundo é, mas colaborando de maneira aberta e simbólica para a formação de um sentido para o

problema do mundo. Com isso, o autor tangencia e dialoga com a arte e a poesia em sentido estético:

O pensamento do mundo, como está em Fink, possui justo essa propriedade: poder existir ao mesmo tempo como teoria estética da obra de arte. Creio que ali está também a resposta à questão colocada neste trabalho: se em Fink não encontramos textos “estéticos”, é só porque toda sua filosofia é uma grandiosa teoria estética, que está além da ciência clássica e da filosofia em sentido tradicional (UZELAC, 2016, p. 135).

Já na filosofia de Bachelard encontramos um tipo de dualidade da atividade intelectual do homem em relação ao mundo, um retorno para o conhecimento objetivo, que trata dos critérios, rigores e métodos científicos, bem como do avanço e da evolução da ciência. Este lado de sua reflexão é denominado *diurno*, pois se relaciona com a atividade da razão e com a clareza na produção de conceitos.

Do outro lado, tem-se uma profunda investigação fenomenológica a respeito dos valores fundamentais do imaginário, da potência criativa que as imagens trazem e suscitam no sujeito sobre aspectos relacionados à estética, à arte e, sobretudo, às imagens poéticas como fontes primárias do ser humano, bem como suas implicações para o próprio ato do pensamento. Este lado é denominado *noturno* porque encontra relações com os sonhos, com o mundo onírico e com os devaneios.

[...] o bachelardismo se instalou num dualismo radical que opõe a epistemologia, inscrito na longa tradição do positivismo francês, e um poético que explora a atmosfera dos sonhos, num estilo próximo dos visionários românticos alemães. Mas sob a superfície desta obra esquizomorfa, que divide por assim dizer o conflito cultural entre França e Alemanha, parecem, entretanto, revelar configurações sutis que atam juntos dois modos de demonstração do pensamento, que desde já não seriam mais exclusivos um do outro, mas complementares (WUNENBURGER, 2003, p. 16).

Deste modo, podemos dizer que na filosofia bachelardiana existem duas estruturas para o pensamento filosófico, uma que se sustenta pela reflexão crítica e racional, voltada para a atividade de produção de conhecimento científico, que seria a parcela do pensamento responsável pela produção de conceitos, e outra, que é sustentada pela fluidez da atividade imaginária, da entrega e da apreciação das imagens, da potência criativa encontrada nos escritos poéticos. Esta segunda seria, então, a atividade da imaginação, colocada por Bachelard como mais fundamental do

que a primeira, de conceitualização²: “Como dizer melhor que a imagem tem uma dupla realidade: uma realidade psíquica e uma realidade física? É pela imagem que o ser imaginante e o ser imaginado estão mais próximos. *O psiquismo humano formula-se primitivamente em imagens*” (BACHELARD, 2008, p. 4).

Isto quer dizer que nos três autores existe a procura por legitimar seu trabalho através da construção de uma linguagem mais adequada para dar conta de sustentar a sua própria concepção sobre o que se manifesta numa experiência filosófica não mais imbricada sobre o regime da filosofia tradicional, que se preocupava em elaborar esquemas consistentes em termos de rigor lógico e conceitual. O problema não é mais colocado sob a construção de edifícios teóricos sustentados pela lógica argumentativa através de relações estabelecidas meramente por ligações conceituais.

Estes autores deixam o primado da racionalidade enquanto via única para a construção do pensamento filosófico, pois assentam o ato filosófico do pensamento como algo estabelecido pela dinamicidade complexa da atividade da imaginação, como parte constituinte e fundamental da filosofia.

Metáfora e símbolo enquanto potências artísticas para a linguagem filosófica

Podemos observar esse movimento de (des)construção da linguagem no texto *Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extra-moral* de 1873, quando Nietzsche apresenta a sua crítica à concepção de verdade em sentido tradicional, a verdade absoluta, imutável, fixadora de valores, não dinâmica, pois esta verdade, no fundo, está assentada sob as leis da linguagem que foi criada pelos homens: “a legislação da linguagem fornece também as primeiras leis da verdade” (NIETZSCHE, 2012, p. 29).

Não só isso, como também a linguagem é encarada como uma manifestação metafórica das imagens do mundo: “[...] de antemão, um estímulo nervoso transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por seu turno, remodelada num som! Segunda metáfora [...]” (NIETZSCHE, 2012, p. 31). E assim podemos ver não só uma crítica elaborada à razão, a qual submete a linguagem a uma utilização meramente conceitual, mas também podemos nos permitir investigar até que ponto as

² “[...] a Imaginação é a força mesma da produção psíquica. Psicicamente, somos criados por nosso devaneio [...]” (BACHELARD, 2012, p. 161).

considerações deste texto nos levam a pensar as relações no âmbito do debate estético, ou seja, sobre uma estética da linguagem, uma linguagem que carregue beleza e não só reflexões racionais, uma vez que a própria linguagem se configura como metáfora e, portanto, como veículo comunicativo de imagens.

[...] permanece tão-somente o resíduo de uma metáfora, sendo que a ilusão da transposição artística de um estímulo nervoso em imagens, se não é a mãe, é ao menos a avó de todo conceito. Mas, no interior desse jogo de dados dos conceitos, denomina-se 'verdade' a utilização de cada dado tal como ele é designado (NIETZSCHE, 2012, p. 38).

Assim, se estabelece uma verdadeira relação não mais entre conceitos, mas uma dinâmica de imagens que não apenas descrevem ou explicam diretamente os fenômenos de maneira objetiva, mas que apresentam ou apresentam³ os problemas filosóficos a partir da criação de uma experiência estética em que o leitor adentra na dinâmica que o autor construiu entre as imagens constituintes dos seus textos.

Abre-se então o jogo infinito das imagens. Parece que o leitor é chamado a continuar as imagens do escritor; ele sente-se em estado de imaginação aberta, recebe do escrito a permissão plena de imaginar. Eis a imagem em sua maior abertura (BACHELARD, 2003, p. 71).

Bachelard, na obra *A Psicanálise do Fogo*, dá início a uma linha de leitura e interpretação que pode ser aplicada aos poemas pela identificação da sua potência criativa e artística a partir de princípios cosmológicos oriundos da força dos quatro elementos (fogo, água, ar e terra), e assim desenvolve uma obra para cada um deles, formando uma verdadeira coletânea de imagens literárias reunidas a partir dos princípios poéticos e das forças de cada um dos elementos.

En effet, majestueux appui pour une philosophie élémentaire de l'imagination cosmologique, les quatre éléments: le feu, l'eau, l'air, la terre, s'offraient comme des têtes de chapitres, comme des titres de livres pour une encyclopédie des images cosmologiques (BACHELARD, 1988, p. 34).⁴

³ Como coloca Fink em sua tese: "Presentificação e Imagem".

⁴ "Com efeito, majestoso apoio para um filósofo elementar da imaginação cosmológica, os quatro elementos: o fogo, a água, o ar e a terra, se ofereciam como cabeçalhos de capítulos, como títulos de livros para uma enciclopédia de imagens cosmológicas" (BACHELARD, 1990, p. 26).

Cada elemento, em sua singularidade, oferece uma potencialidade de imagens e de características das quais o poeta se serve, como se canalizasse a própria força da natureza cósmica dentro de seus poemas, dando abertura para as imagens poéticas a partir das características de cada um dos quatro elementos.

Se nosso presente trabalho pudesse ter uma utilidade, deveria sugerir uma classificação dos temas objetivos que preparassem uma classificação dos temperamentos poéticos. Ainda não chegamos a elaborar em detalhes uma doutrina de conjunto, mas pensamos que há uma relação entre a doutrina dos quatro elementos físicos e a doutrina dos quatro temperamentos (BACHELARD, 2011, p. 132).

Deste modo, Bachelard, investigando as imagens literárias, chega a criar uma forma própria de leitura poética para os poemas, uma leitura literária das imagens, colocando o leitor na condição perceptiva dessa força psíquica da imaginação, inserida dentro da região estética de *metáforas de metáforas* (BACHELARD, 2011, p.161), visto que a primeira metáfora já está oferecida no poema, e o leitor, ao sonhar com aquele poema em sua leitura, ao tornar-se parte dele, pode alcançar um trabalho metafórico justamente sobre as imagens metafóricas já oferecidas pelo poeta.

Bachelard trabalha sobre aquilo que denomina de um *diagrama poético*: “[...] um *diagrama* que indicaria o sentido e a simetria de suas coordenações metafóricas, exatamente como o diagrama de uma flor estabelece o sentido e as simetrias de sua ação floral [...]” (BACHELARD, 2011, p.159). Diagrama a partir do qual poderíamos decompor as forças imaginárias dos poemas e então chegar não só a uma compreensão profunda sobre o poema, mas a uma condição participativa das imagens que o compõem, caminhando através de uma atividade sonhadora dos poemas, aquilo que é defendido como *devaneio poético*⁵.

Podemos então nomear essa leitura como um tipo de hermenêutica vinculada ao seu interesse pela imaginação material, na qual ele elabora a crítica à concepção de imaginação que se vinculava à filosofia tradicional, que colocava a imaginação como uma réplica das imagens da realidade, desconsiderando qualquer possibilidade

⁵ Levando em consideração a profundidade e relevância dessa condição fenomenológica do sujeito, denominada de *devaneio*, optamos por não nos aprofundarmos muito neste tema dentro deste trabalho, mas podemos indicar uma obra na qual o autor concentra sua atenção exatamente neste ponto, um livro mais tardio, publicado em 1961, denominado de *A Poética do Devaneio*.

de produção autógena de imagens ou de sentido para o mundo através da faculdade de imaginação.

Conforme mostra Bachelard há dois tipos de imaginação: a imaginação formal e a imaginação material. A imaginação formal é fundamentada no olhar e, nesse sentido, é uma imaginação ociosa que resulta da contemplação passiva do mundo. Através da imaginação formal o homem se distancia do mundo, contemplando-o como espetáculo. A imaginação material, ao contrário, recupera o mundo como concretude, pois resulta do enfrentamento do homem com a resistência material das coisas que o cercam. Bachelard exalta ao longo de sua obra a imaginação material, uma imaginação que nasce de um convite à profundidade, à penetração, de um convite à ação transformadora do mundo, ao trabalho feliz porque criador (BULCÃO, 2003, p. 13).

Os três autores desta pesquisa colocam de maneira tangente uma nova forma de encarar a questão sobre o ser, pois modificaram a concepção sobre a própria existência, buscando não mais sua garantia por algum sentido de permanência no tempo ou de alguma espécie de imutabilidade de identidade. Mas passaram a refletir sobre a existência inserida na dinâmica das transformações, das metamorfoses e do movimento, que seriam regidos pelo fluxo natural das coisas, visto que elas aparecem como manifestação do vir-a-ser e, posteriormente, desaparecem, deixando de ser. Nesse sentido, os autores acabam reconhecendo como base existencial não o princípio da permanência, mas sim do devir.

Por conseguinte, é um ponto de encontro comum entre essas três filosofias as considerações feitas sobre o tema da *ontologia*⁶. Com isso, nos sentimos legitimados a debater sobre uma espécie de ontologia que perpassa a filosofia dos três autores.

Na filosofia de Nietzsche, ainda que de forma dispersa e não pontuada muito diretamente pelo próprio autor, acreditamos encontrar a construção de uma *ontologia do devir*, conjuntamente ao seu estilo de escrita, um linguajar metafórico que nos permite também considerar sua filosofia a partir de uma escrita poético-filosófica.

O exemplo de Nietzsche é notável porque manifesta uma dupla vida: a vida de um grande poeta e a vida de um grande pensador. As imagens nietzschianas têm a dupla coerência que anima - separadamente - a poesia e o pensamento (BACHELARD, 2001, p. 143).

⁶ Podemos definir brevemente a ontologia como corrente de estudos sobre os entes (“on” - entes, “logia” estudos).

Também podemos examinar uma *experiência ontológica* na filosofia de Fink, seja na obra *Play as Symbol of The World* (2016), assim como no próprio artigo intitulado “Sobre o Problema da Experiência Ontológica” (2020).

Por último e não menos importante, teremos espaço para debater como se constrói a proposta de uma *ontologia da imagem poética* desenvolvida nas obras bachelardianas, principalmente as que são consideradas inseridas no período noturno da sua filosofia, isto é, aquele momento em que suas obras começam a se desligar das reflexões epistemológicas e científicas para se desdobrar sobre a estética dos poemas, a arte literária, a subjetividade da imaginação e a importância das imagens oníricas, bem como do devaneio. Portanto, o período noturno é o que nos interessa aqui porque é justamente nele em que Bachelard elabora toda a sua *fenomenologia da imaginação poética*.

É importante não omitirmos, mas, na verdade, colocar em destaque, o fato de que tanto Fink quanto Bachelard foram filósofos posteriores a Nietzsche. Entretanto, não obstante, ambos tiveram contato com a filosofia deste pensador e a estudaram, bem como foram influenciados pela sua proposta de uma filosofia tão peculiar.

Como demonstração deste fenômeno de mútua incorporação de questões apresentadas por Nietzsche no pensamento tanto de Bachelard quanto de Fink, utilizaremos os textos: *A Metafísica Nietzscheana do Jogo* (2020) escrito por Fink em 1946, e o capítulo “Nietzsche e o Psiquismo Ascensional” escrito por Bachelard na obra *Ar e Os Sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*, publicada em 1943.

Conseqüentemente, podemos identificar um ponto comum entre os dois autores mais contemporâneos, isto é, Fink e Bachelard: ambos compartilham o interesse e, conseqüentemente, a influência das reflexões sobre a filosofia de Nietzsche. É este um fator muito relevante para a justificativa deste trabalho, para a atividade da pesquisa, embora complexa e de certa dificuldade, e para um trabalho desenvolvido simultaneamente sobre as perspectivas filosóficas de três autores.

Como mencionado, a influência de Nietzsche é reconhecida claramente tanto na filosofia de Bachelard quanto na de Fink. Mais que isso, a interpretação que ambos formulam e desenvolvem a respeito da filosofia de Nietzsche apresentam aspectos que são convergentes e que, ao nosso ver, estabelecem possíveis diálogos entre si.

Acreditamos que essa aproximação interpretativa aconteça através justamente do que foi mencionado acima como uma ontologia do devir que permeia a filosofia

nietzscheana. Tal como enuncia Fink: “A tese introdutória da nossa interpretação é de que esta ontologia do devir corresponde ao núcleo da filosofia de Nietzsche” (FINK, 2020, p.521). Também Bachelard pontua o reconhecimento do devir como ponto central da filosofia de Nietzsche: “O ar nietzscheano é então uma estranha substância: é a substância sem qualidades substanciais. *Pode, portanto, caracterizar o ser como adequado a uma filosofia do devir total*” (BACHELARD, 2001, p. 139, grifo nosso). Portanto,

[...] poetizar a filosofia e filosofar a poesia é a meta mais alta dos pensadores românticos; o belo é a representação simbólica do infinito; a arte e a poesia revelam a riqueza e a profundidade do universo (FURLANETTO, 2014, p. 45).

Na apresentação simbólica, podemos observar o movimento infinito do jogo em sua amplitude cosmológica. A partir da concepção de Fink, poderíamos então considerar que dentro da nossa experiência ontológica com o mundo, somos tomados pelo reconhecimento da condição humana que é o enfrentamento da sua própria finitude. Contudo, na arte e na poesia, o ser humano pode contemplar de maneira simbólica uma espécie de manifestação do irreal (infinito) dentro da realidade (finitude), criando, assim, uma espécie de experiência estética que o permita sonhar com o infinito em meio a finitude.

Aproximações entre as concepções poéticas de Bachelard e Fink

O estatuto ontológico da filosofia, assim como da existência humana, pode ser analisado como dois aspectos muito próximos inseridos no âmago das concepções filosóficas que nos propomos a investigar neste trabalho, sobretudo com os três autores supracitados (Nietzsche, Fink e Bachelard). Com isso, direcionamo-nos a uma reflexão a respeito das semelhanças que existem entre essas filosofias, pois tanto a esfera da filosofia quanto a esfera da existência humana se manifestam para os autores como um enigma misterioso, algo que não pode ser desvelado em sua totalidade.

Essa é a condição existencial de todos os seres humanos, na tentativa de compreender sua própria vida e o mundo (mundo externo e mundo interno). Essa tentativa de compreensão acaba sendo embaraçada e coberta por uma névoa

espessa que insiste em se sobrepor à busca pelas condições fundamentais do ser, uma camada turva que obscurece qualquer definição última que poderíamos almejar alcançar sobre a condição ontológica dos seres, em especial do ser humano.

Para exemplificar e explicitar o ponto que se pretende atingir nesta parte do trabalho, separamos duas citações principais, sendo a primeira retirada do texto *Pobreza de ser. A tradução de Eugen Fink das Elegias de Duíno em reflexão filosófica*⁷, a fim de pensar sobre a relação do pensamento e da filosofia de Fink com uma forma de expressão poética da existência e da vida humana. O autor descreve então:

“Como é possível viver se os elementos da vida nos são inteiramente incompreensíveis?”. Esta pergunta, formulada por Rilke e citada por Fink, poderia ser tomada como fio condutor do próprio pensamento finkiano. [...] Esta questão – o que significa, para o humano, viver? Ou: como é possível viver sobre o fundamento desse paradoxo existencial? Ou: em que medida essa possibilidade já configura uma resposta à pergunta inicial? – marca o tema fundamental da filosofia de Fink. Seria o caso que viver significa justamente que o fundamento dessa mesma vida jamais poderá ser alcançado? E não seria isso, exatamente, a única coisa que podemos conhecer dela? O humano revelar-se-ia então como um ser intermediário [*Zwischenwesen*], absolutamente peculiar; [...] O humano não é nem uma coisa, nem outra. Ele e este “nem isso-nem aquilo” [*Weder-Noch*]. Assim, se o humano se define neste “nem isso-nem aquilo”, então o paradoxo formulado por Rilke não expressa meramente uma limitação, mas testemunha sua determinação ontológica (SEPP, 2020, p. 485).

Mediante essa impossibilidade de definição descritiva do caráter ontológico do ser humano, encontramos exatamente um estreitamento da determinação sobre a condição da vida humana, sendo esta justamente marcada pela impossibilidade de uma definição absoluta, cristalizada e válida de maneira universal. A determinação ontológica que consiste na incapacidade do ser humano definir o que é, ou em que consiste sua existência, faz que com ele seja um ente que se coloca numa posição de limiar, que se situa na fronteira entre as possibilidades do seu ser.

Voltando a mencionar o buraco da existência, o abismo que o homem se depara quando se indaga sobre o “por quê?” do seu estar vivendo, surge, então, o vazio no qual todos os sentidos têm a mesma importância que nenhum deles. Todas as definições atribuídas a essência da humanidade não podem estar nem certas nem erradas, pois não existe uma definição *transcendental* na qual a partir dela poderíamos

⁷ (SEPP, trad. COLI *et. al.*, 2020).

julgar se determinadas inferências são ou não válidas, do que se conclui que as proposições sobre a essência do homem não são completamente corretas e totalizantes, nem completamente errôneas e impossíveis de validação. Por isso, como na citação acima, se constata que o homem se aproxima mais do inclassificável do que está expresso pelo meio termo de não ser “nem isso, nem aquilo”. Por seu estatuto enigmático e indecifrável em sua totalidade, a figura humana se desdobra a margem de qualquer consolidação que o próprio homem possa objetivar pontuar, fugindo de qualquer pretensão de fixar com exatidão o sentido da vida e a sua posição no mundo e no universo.

Por conseguinte, tanto a filosofia quanto a existência humana seriam campos que não podem ser definidos, que não podem se prestar a serviço de uma conceitualização, nem tampouco à investigação rigorosa dos métodos científicos, pois caso cedessem a algum destes meios para afirmar a sua essência, estariam fixando, cristalizando, cimentando e enrijecendo de maneira muito arbitrária e totalitária, todo um conjunto de aspectos singulares, os quais compõem uma vasta gama de horizontes de sentidos que podem vir a ser atribuídos e construídos conforme forem sendo identificados por cada idiosincrasia pessoal, encontrada em casa uso particular destas duas musas obscuras e inspiradoras, isto é, a filosofia e a existência. Com isso queremos dizer que o que enriquece a atividade hermenêutica de interpretar estas duas esferas (a vida e a filosofia) é exatamente a variedade de leituras que cada pessoa fundamenta ao fazer uso subjetivo destes conjuntos de características gerais que são compartilhadas comumente entre todos.

Como movimento de aproximação, partiremos da interpretação de que a metafísica de Fink dialoga com a de Bachelard quando o primeiro define a figura humana a partir de uma diferença do ser com relação ao acontecer, momento em que existe então o rompimento com a concepção ontológica de uma essência transcendente para a existência, de modo que não há mais aquela fusão na concepção antropomórfica do espírito para com o corpo, pois tanto o homem quanto o mundo tornam-se uma unidade, já que não apresentam planos de realidades diferentes, como o imanente e transcendente: o homem não é mais a figura central ambientada entre o divino e a natureza, nem é mais o centro das existências pensado na tríade “Deus, Homem e Animal”.

No mesmo sentido, enxergamos em Bachelard uma ruptura com a herança cultural da dualidade de René Descartes, com a *res cogitans*, “coisa pensante”, aquela instância que pergunta, investiga e indaga (pensamento-racionalidade), o espírito puro, e com a *res extensa*, “coisa extensa”, instância física, material e biológica do corpo, instância dos sentidos e sensações. Bachelard, no capítulo “O *Cogito* do Sonhador”, publicado na obra *Poética do Devaneio* (1961), anuncia através do seu conceito de devaneio, a junção do pensamento e da intuição, do sensível e do inteligível, através da imagem poética, a completude entre a atividade do pensamento e a imaginação sonhadora.

Neste sentido, os dois filósofos mencionados (Bachelard e Fink) apresentam concepções fenomenológicas muito próximas tanto sobre a existência quanto sobre o estatuto da filosofia. Nos dois autores podemos compreender fenomenologicamente a filosofia como um acontecimento existencial, um evento que se presentifica na vida, em que já não mais se encontra o modelo tradicional hierárquico dos valores do conhecimento, no qual existia o privilégio do pensar e da razão em detrimento do sentir e das intuições sensíveis. Não há mais posição privilegiada entre estas duas faculdades humanas e tanto uma quanto a outra são concebidas como parcelas constitutivas da existência humana e, por isso, devem se integrar nesse acontecimento que se desenvolve na existência. A pergunta que guia os autores não é mais a questão sobre o que é a filosofia, o que é a poesia, o que é o homem, pois agora existe o reconhecimento de que a filosofia, a poesia e a existência são demasiadamente fugazes, dinâmicas, múltiplas, variáveis e singulares para se chegar a algum nível conceitual de compreensão sobre elas. Demasiada volátil e mutável, a existência é demasiadamente efêmera para a colocação desta questão, de modo que resta ainda indagar como acontece a filosofia, como acontece a poesia e como acontece a própria existência, fugindo um pouco da questão ontológica do ser, partindo para uma questão fenomenológica de como acontece o evento do ser.

Sobre esta questão filosófica da vida, do seu sentido, do seu significado e do conhecimento que poderíamos obter sobre ela, pretendemos fazer a defesa e a ressalva da perspectiva poética sobre a análise da imagem, elaborando, ao que parece, uma construção teórica e imaginária que possa considerar as imagens poéticas como auxiliadoras dessa atividade de busca não só do conhecimento sobre a vida e sobre as vivências, como também necessárias para encontrar, ou elaborar, o

sentido e o significado da vida para o ser existente. Sob seguimento dessas ideias, a leitura poética das imagens se consolidaria como condição de favorecimento desse desvelamento, dessa atividade de criação de “motivações” de vida, inspirações poéticas da existência.

Referências

- ALMEIDA, F. F. Bachelard e a Filosofia. **Trans/form/ação**, Marília, v. 26, n. 2, p. 85-92, 2003.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BACHELARD, G. **A Terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BACHELARD, G. **A Terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BACHELARD, G. Instante Poético e Instante Metafísico. *In*: **A intuição do instante**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. Campinas: Ed. Verus, 2010. p. 93-101.
- BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Trad. Antonio de Pádua Danesi, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. Trad. José Américo M. Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro e Maria Isabel Raposo. 4ª ed. São Paulo: Bertrand, 1994.
- BARBOSA, E. Gaston Bachelard e a Fenomenologia da Alma (Seele): a obra de arte como exercício de criatividade para o espectador. *In*: ROCHA, G. K. **Bachelard, Um Livro Vivo**. Homenagem aos 135 anos de nascimento do filósofo. Rio de Janeiro: Editora Phillos, 2019. p. 210-227.
- BULCÃO, M. Bachelard: a noção de imaginação. **Rev. Reflexão**, Campinas, n. 83/84, p. 11-14, 2003.
- BULCÃO, M.; CARVALHO, M.; CÉSAR, C. M.; CAMPELLO, A. **A poética de Gaston Bachelard**: mergulho na imaginação. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021.

CESAR, C. M. Bachelard e Desoille: imaginário e promoção de ser. **Rev. Ideação**, Feira de Santana, v. 25, n. 1, p. 101-119, 2011.

DURAN, G. **A imaginação simbólica**. Trad. Liliane Fitipaldi. São Paulo: Ed. Cultrix, 1988.

FINK, E. A metafísica nietzschiana do jogo. Trad. Anna Luiza Coli, Giovanni Jan Giubilato e José Fernandes Weber. **Rev. Phenomenology, Humanities and Sciences**. v. 1, n. 1, p. 200-203, 2020.

FINK, E. **Presentificação e imagem**: contribuições a uma fenomenologia da irrealidade. Trad. Anna Luiza Coli. Londrina: EDUEL, 2019.

FINK, E. Sobre o Problema da Experiência Ontológica. Trad. Anna Luiza Coli, Giovanni Jan Giubilato e José Fernandes Weber. **Rev. Phenomenology, Humanities and Sciences**. v. 1, n. 1, p. 518-524, 2020.

FURLANETTO, H. B. Arte como forma Simbólica. **Rev. FAP**. v. 9. p. 36-50, 2014.

GASPAR, A. **Entre o conceito e a imagem**: o lugar da psicanálise da obra de Bachelard. 157p. Tese (Doutorado em Filosofia). Coleção Thesis: Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (CFCUL), 2010.

GASPAR, A. O lugar da rêverie na obra de Bachelard. **Rev. Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica**. v. 7, n. 1, p.131-141, 2016.

NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral**. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Ed. Hedra, 2012.

OLIVEIRA, M. E. A figura do poeta em Friedrich von Hardenberg (Novalis) e Gaston Bachelard: algumas considerações. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 19, p. 47-59, 1996.

RODRIGUES, V. H. G. Gaston Bachelard e a sedução poética: a criação de um filosofar onírico. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient**, Rio Grande, v. 15, p. 49-71, jul./dez. 2005.

ROMERO, L. P. La Fenomenología de la Imagem Poética de Gaston Bachelard. **Rev. de filosofia interdisciplinar**, Málaga, v. 3, p. 335-343, 1988.

SEEP, Hans Rainer. Pobreza do ser: a tradução de Eugen Fink das Elegias de Duíno em reflexão filosófica. Trad. Anna Luiza Coli, José Fernandes Weber, Giovanni Jan Giubilato e Camila Ferreira de Oliveira. **Rev. Phenomenology, Humanities and Sciences**, p. 484-490, 2020.

UZELAC, M. A Fenomenologia do Mundo de Eugen Fink como Esboço de uma Estética Universal Pós-Clássica. **Rev. Filosófica São Boaventura**, Curitiba, v. 10, n. 2. p. 125-137, 2016.

WUNENBURGER, J.-J. O Pensamento Renano de Gaston Bachelard: conflito ou aliança da razão e da imaginação? Trad. Sueli Ratto. **Rev. Cronos**, Natal, v. 4, n. 1/2, p. 15-22, 2003.

Recebido em: 19.09.2022.
Aprovado em: 12.11.2022.